



OLHAR CRÍTICO DO PROFESSOR PARA A MEDIAÇÃO NA LEITURA

Queila Ferreira De Almeida¹
Universidade Federal de Catalão

Resumo: Este trabalho pretende relatar os conhecimentos aprendidos durante uma formação para professores no curso Introdução ao Incentivo à Leitura da plataforma digital do Instituto Brasil Solidário. Sou professora há muitos anos e acreditava que minhas práticas, repetidas ao longo dos anos, contribuísssem positivamente para despertar o gosto pela leitura. No entanto, ao longo da minha experiência, tive a certeza de que a leitura literária necessita de um tratamento diferente do que é dado na maior parte das escolas. Pode ser feito de várias maneiras, com diferentes estratégias, partindo de situações diferentes e construindo diálogos com textos diversos e permitindo a expressão de sentimentos e opiniões. A intenção é mostrar um ponto de vista crítico de uma professora, que foi aluna e foi e é leitora, que reconhece a necessidade de refletirmos sobre a forma como as atividades de leitura estão sendo desenvolvidas. Como muitos autores defendem, a leitura na escola precisa ser mediada quando o objetivo for a formação de leitores, do contrário corre-se o risco de perpetuar estratégias pouco eficazes para transformar alunos em leitores de leituras diversificadas e sujeitos mais reflexivos e críticos. A base teórica é construída pelas considerações de letramento literário em Cosson (2020), da atuação de leitores em Azevedo (2004) e em Lerner (2002) e do despertar do gosto pela leitura em Antunes (2009). São analisados conteúdos da plataforma referentes às práticas de leitura, características do bom mediador, comportamentos de leitores e direcionamento para professores na indicação de leitura. A metodologia é descrição e análise de situações cotidianas experimentadas ao longo dos anos em escolas particulares e públicas e apresentação de conteúdos relacionados ao comportamento do professor e dos alunos no processo de formação do leitor, com base nas concepções dos autores supracitados.

Palavras-chave: Leitura. Literatura. Professores. Formação de leitores. Letramento

Introdução

Presenciar alunos frequentando salas de leitura, falando sobre os livros que leram, dando opiniões sobre assuntos que lhes despertaram a atenção e indicando leituras para os colegas são comportamentos almejados pela grande maioria dos profissionais que se envolvem no processo de ensino-aprendizagem de uma instituição escolar. No entanto, para que se alcance esses propósitos são necessárias mudanças de atitudes de todos os agentes educacionais dentro da escola, assim como planos de ações bem estruturados dentro do Projeto Político Pedagógico. Depositam-se todas as esperanças na escola. Porém, a escola não pode ser transformada na tábua de salvação da educação brasileira, pois ela é apenas um dos

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Catalão (UFCAT). E-mail: ferreiraqueila30@gmail.com



lugares em que pode produzir conhecimento – e ainda assim, um conhecimento específico - e na sociedade é preciso ter outros locais em que as várias formas de conhecimento sejam disponibilizadas. A educação precisa ser compreendida como um processo político de transformação social que pode ser feita por diversos recursos.

A leitura é um dos meios para se adquirir conhecimentos e deveria ser um direito garantido a todas as pessoas. Há muitos espaços em que a leitura pode ser praticada; a escola não deve ser o único, embora, a instituição escolar seja o mais importante – porque, de forma simples, é responsável pelo ensino da leitura e da escrita – para direcionar ações que são fundamentais para a formação do leitor e permitir que a leitura se torne um hábito em vários outros, fora dela.

Com a intenção de refletir sobre a nossa postura como professores que promovem a leitura, apresento este relato de experiência referente às vivências ao longo de alguns anos com turmas do 4º Ano do Ensino Fundamental em escolas particulares e públicas e considerações acerca de um curso de formação de leitores do qual participei e me permitindo conhecer novas estratégias para transformar os alunos em leitores ativos e, conseqüentemente, compreender o professor com um imprescindível formador de leitores e “escrevedores”.

Sou professora há muitos anos e atuo em uma escola municipal de Catalão – GO há um ano e meio. Apesar de muitas situações vividas terem sido difíceis, sempre mantive a convicção de que é preciso persistir e buscar conhecimentos que tragam mais domínio e certeza de que estamos contribuindo positivamente para a transformação do aluno e para que ele possa ter o domínio das habilidades que necessita para utilizar em sala de aula e também fora dela. Foram muitos anos atuando em escolas privadas e, atualmente, estando em uma escola pública, ainda percebo algumas dificuldades que as escolas têm no que se refere à prática da leitura de textos literários em sala de aula. Mesmo que nas instituições particulares o contato com a literatura seja mais fácil e até mesmo possa ser mais cobrado, ainda podemos dizer que há muitos alunos que ainda não conseguiram desenvolver o hábito **de** e o gosto **pela** leitura.

Quando nos reportamos ao cenário das escolas públicas, vemos que a situação é mais grave, pois nem sempre o aluno tem sequer a possibilidade de ter contato com livros. Muitas



escolas públicas não possuem um acervo de livros literários que possa ser utilizado por todas as turmas da escola, sem falar de que uma sala de leitura pode nem existir.

Frequentemente as atividades de leitura são feitas com poucos propósitos, sem ter muita reflexão para ser realizada, encarada com uma atividade solitária, em que o aluno pega o livro, senta na cadeira ou em um canto da sala e lê. Isso não está totalmente errado, só não pode ser a única atividade de leitura realizada na escola.

Neste contexto temos que reconhecer que, se o professor não consegue desenvolver outras atividades significativas de leitura de textos literários, significa que ele precisa passar por uma formação para que aprenda outras estratégias, mais assertivas, e seja capaz de desenvolver a leitura de forma contínua na escola, formando leitores reflexivos e críticos.

Assim, minhas considerações servem para incentivar os profissionais da educação a repensarem o seu papel de mediadores da leitura e a promoverem o desenvolvimento dos alunos de forma geral e especialmente como leitores. Assumir essa responsabilidade, juntamente com a comunidade, pode ser uma solução para aumentar o número de leitores dentro e fora da escola.

Métodos e discussões

Em todos os meus anos de prática em sala de aula tentei colocar a leitura como uma atividade cotidiana, em que os alunos lessem pelo menos um livro por semana. Ao longo da semana, permitia, nos momentos em que sobrava um tempo antes da saída dos alunos, que eles pegassem os livros que deixava em uma prateleira da sala e lessem sem nenhum compromisso com atividades de escrita. No entanto, era obrigatória a leitura de um livro por semestre, fosse por meio de um questionário na avaliação formal ou por meio de trabalho.

Desse modo, acreditava que estava promovendo atividades prazerosas, pois a maioria sempre esperava com muita ansiedade o momento em que pudesse pegar o livro para ler. Mas, nem todos os alunos, entre os quais liam, tinham tanto deleite. Assim, acreditando que estava utilizando o método de incentivo adequado à formação da leitura, ele permaneceu o mesmo.

Quando tive a oportunidade de trabalhar em uma turma de escola pública, após o período pandêmico, deparei-me com uma realidade muito distante daquela a que eu estava



habituada e que eu acreditava estar dando certo. Mesmo tendo já se passado um ano após o retorno das aulas presenciais, podemos perceber que ainda há alunos que precisam ser assistidos de perto.

Atualmente, minha turma de 4º Ano não é numerosa. No início do ano letivo estranhei o fato de que alguns alunos sequer haviam iniciado o processo de alfabetização, mesmo tendo frequentado as aulas no ano anterior à pandemia de covid-19. Esses alunos não teriam condições imediatas de realizarem leituras e de participarem de atividades escritas. Assim, meu desafio era ensinar esses alunos a lerem e escreverem de modo que pudessem ter o máximo de conhecimentos em curto tempo. Além disso, uma das maiores dificuldades seria incluir esses indivíduos nas atividades de leitura. Teria como realizar esse tipo de exercício com alunos que não sabiam ler?

Para ter a resposta a essa questão cabe refletir sobre a ideia que temos de leitura, se só vale realizá-la por meio de palavras sequenciadas em forma de texto ou se pode haver outros meios de realizá-la, como pela observação cuidadosa e analítica das ilustrações. Essa concepção de que somente crianças que sabem ler de forma tradicional e autônoma podem fazer leitura de livros está ultrapassada, até mesmo porque o público da Educação Infantil já pode exercitar a leitura sem conhecer a escrita. Saber lidar com situações como essas é possível desde que passemos por um processo de reciclagem de ideias, como me propus.

Algumas das concepções que trago foram adquiridas em um curso de formação de professores para incentivo à leitura por meio do Instituto Brasil Solidário (IBS), que, além deste, promove outros cursos para professores e outros profissionais dentro da escola, tendo em vista o desenvolvimento do aluno em vários aspectos. Concluí o curso recentemente e reconheço ter aprendido muito e gostaria de compartilhar esses saberes. Além desses conhecimentos adquiridos nesse curso, outros foram reafirmados nas disciplinas cursadas no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na Universidade Federal de Catalão.

Quero destacar que o IBS, além de abrir a oportunidade do curso de formação aos professores da minha escola, fez uma doação de vários exemplares de livros de gêneros diversos, aumentando o acervo da escola. Há de se reconhecer a importância dessas doações e da iniciativa da entidade que se preocupa com o desenvolvimento das crianças e contribuem positivamente para a formação de sujeitos leitores.



Infelizmente ainda há uma parcela reduzida de pessoas que frequentam as bibliotecas públicas, assim como o movimento nas bibliotecas escolares também. Quando retiramos esse direito das crianças, especialmente das crianças das classes mais baixas, estamos afastando-as de situações interativas e de descobertas. Por motivos financeiros esses sujeitos não conseguem adquirir livros físicos ou meios para acessar livros digitais e acabam sendo excluídos de atividades leitoras e de todas as oportunidades de aprendizagem possíveis que a leitura pode permitir.

Mas também, não adianta a instituição escolar possuir um acervo se não houver uma estratégia que estimule os leitores a chegarem até os livros, sem haver um convite para esse exercício. Caberá a mim como professora então, levar os alunos para a biblioteca, ensiná-los a manusear os livros corretamente, retirá-los da prateleira e colocá-los de volta de forma a manter a organização do ambiente. Assim, ao menos acabaríamos com um dos pretextos para os alunos fazerem poucas visitas à biblioteca: o fato de acreditar que as crianças não cuidam dos livros, de que elas rasgam, amassam e sujam os exemplares.

A política de incentivo à leitura possui muitos fundamentos. A leitura é uma das formas de comunicação em que um sujeito (autor) pretende interagir com outro (leitor) e, por meio dessa interação, há trocas de ideias expressadas na memória, na cultura, nas tradições e nos mais diversos contextos sociais.

O pesquisador Rildo Cosson (2020) apresenta-nos diferentes concepções de leitura que merecem ser repensadas. Para ele, estamos realizando a leitura quando produzimos sentidos por meio de um diálogo, quando retomamos acontecimentos do passado e pelo compartilhamento de ideias estabelecidas entre vários leitores entre si e com o autor.

Segundo Cosson (2020), na forma tradicional

a leitura começa com o autor que expressa algo em um objeto (texto) que será assimilado pelo leitor em determinadas circunstâncias (contexto). Ler nessa concepção é buscar o que diz o autor, o qual é simultaneamente ponto de partida e elemento principal do circuito da leitura (Cosson, 2020, p. 37).

Nesse tipo de exercício, o leitor fica limitado a um contexto histórico e a sua função é apenas ler/ouvir o que o autor tem a dizer e entendê-lo, como se a leitura fosse apenas um processo de decodificação e se necessitasse haver um controle para a interpretação do texto



lido, ou seja, uma limitação da compreensão. Ao contrário disso, deveríamos perceber que “ler não é buscar o que disse ou quis dizer o autor, mas sim revelar o que está no texto...” (Cosson, 2020, p. 37).

O autor ainda explicita que é uma necessidade encontrar diferentes formas de tratar o texto literário. Conforme expõe, “a leitura não tem apenas um caminho e que o diálogo da leitura pode ser iniciado de várias maneiras. Do mesmo modo, esse diálogo pode ser efetivado por meio de várias atividades” (Cosson, 2020, p. 97).

Essa proposição do autor dialoga com os preceitos do curso de formação para mediador em leitura quando se afirmar que o fato de que decifrar o texto é somente um aspecto de leitura. Conforme a orientação do curso, a prática da leitura literária permite o contato com a linguagem e fortalece os conhecimentos aprendidos durante o processo de alfabetização pois a criança pode visualizar o texto escrito como uma cadência organizada, com diferentes possibilidades de expressões e pode acionar essas construções quando for escrever seu próprio texto.

Vale salientar que é preciso levar leituras variadas para a sala de aula. A diversidade garante o necessário conhecimento de diferentes gêneros textuais, porque cada um serve a um propósito. Além disso, o curso explicita que para que o aluno seja leitor de um determinado gênero é preciso dar uma continuidade à leitura daquele gênero até que se familiarize com a linguagem, com a estrutura e consiga formular ideias e opiniões.

Além disso, a progressão de leitura deve ser vista como fundamental para o desenvolvimento crítico do leitor. É preciso planejar, de forma que o aluno comece com leituras mais fáceis e, gradativamente, o professor vá lhe oferecendo leituras mais desafiadoras, além de versões diferentes para a mesma história ou de outras origens, que dialogam em um ponto específico da história com outros textos, por exemplo. Como escreveu Délia Lerner (2002), “um texto evoca outros textos, um título evoca outros títulos” (Lerner, 2002, p.27).

Na mesma perspectiva, o escritor e pesquisador Ricardo Azevedo (2004) defende que leitores “são simplesmente pessoas que sabem usufruir dos diferentes tipos de livros, das diferentes ‘literaturas’ – científicas, artísticas, didático-informativas, religiosas, técnicas, entre outras – existentes por aí.” (Azevedo, 2004, p.1). São aqueles que aprendem a



diferenciar textos de tipologias diferentes e são capazes de beneficiar-se deles por algum motivo.

Lerner (2002) enumera vários desafios que a escola deveria superar com relação à leitura, sendo um destes o de “formar pessoas desejosas de embrenhar-se em outros mundos possíveis que a literatura nos oferece, dispostas a identificar-se com o semelhante ou a solidarizar-se com o diferente e capazes de apreciar a qualidade literária” (Lerner, 2002, p. 28).

Com base na concepção da autora, os professores devem levar o comportamento dos leitores a estar de acordo com as seguintes habilidades:

- Ser capaz de escolher o livro que atende as suas necessidades;
- Conseguir fazer antecipações partindo do título do livro;
- Expressar as opiniões e impressões sobre o livro lido;
- Ter a capacidade de construir relações entre as informações do livro com as de outros textos e relacioná-los às suas vivências;
- Fazer releituras para obter a compreensão de aspectos do enredo que não ficaram claros na primeira leitura.

O conjunto dessas e outras habilidades se define como letramento literário e pode ser construído por meio de círculos de leitura. Cosson (2020) explica que:

Nas escolas, os círculos de leitura oferecem aos alunos a oportunidade de construir sua própria aprendizagem por meio da reflexão coletiva, ampliar a capacidade de leitura e desenvolver a competência literária, entre outros tantos benefícios em termos de habilidades sociais, competências linguísticas (Cosson, 2020, p. 177).

O autor ainda complementa que se desenvolvem outras aprendizagens quando se alcança o letramento literário. Para Cosson (2020),

Os alunos aprendem a dialogar, resolver problemas, liderar, argumentar, sintetizar, exemplificar, registrar, questionar, entre outras competências. Além disso, as discussões dos círculos de leitura ajudam a desenvolver o alto raciocínio, favorecem o domínio da escrita e promovem o letramento em um movimento que incorpora à formação do leitor o prazer de ler e a construção compartilhada da interpretação (Cosson, 2020, p. 177).



São muitos os benefícios trazidos com a leitura literária feita a partir de uma mediação de qualidade, pois a literatura não apenas alimenta a nossa imaginação, ela também nos apresenta diferentes linguagens e estéticas que fazem parte da nossa e de outras culturas na maioria das vezes em contextos históricos diferentes e, consumir essas informações contribui para a nossa própria formação estética. Entretanto, para ler livros é preciso desenvolver o gosto pela leitura, porque ninguém nasce com essa predisposição – e mesmo que nascesse precisaria ter garantido o acesso a ela.

A respeito dessa condição a pesquisadora Irandé Antunes (2009) confirma que o gosto pela leitura não nasce com ninguém, é uma habilidade inata. Para a autora “o gosto pela leitura é aprendido por um estado de sedução, de fascínio, de encantamento. Um estado que precisa ser estimulado, exercido e vivido” (Antunes, 2009, p.201). Dessa forma, por necessitar de estímulo, é imprescindível alguém fazer para fazer esse estímulo (o estímulo é externo, ao contrário da motivação, que é interna) e Antunes (2009) aponta o professor como importante pois ele tem a visão de todo o processo que envolve uma leitura. Mas, formação de leitores não exclui a família, assim como não estão fora dessa responsabilidade a sociedade, os meios de comunicação e as políticas públicas direcionadas para a educação.

Azevedo (2004) também compartilha do conceito de que a formação do leitor é o resultado de um trabalho que, “como muitas coisas boas da vida, exige esforço e que o chamado prazer da leitura é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação” (Azevedo, 2004, p.1). Logo, o professor é fundamental como mediador nessa preparação. Com esse propósito, o curso enumera algumas qualidades essenciais para um bom mediador de leitura:

- a) Inicialmente, deve tratar-se de um(a) leitor(a), alguém que gosta de ler. É um(a) leitor(a) crítico(a), cujas experiências são partilhadas no processo de interação com o outro.
- b) Além da experiência de leitura, é necessário gostar de comunicar-se, de falar do que lê, compartilhar seus repertórios e afetividade;
- c) Percebe na mediação a possibilidade de mudança a ser realizada no cotidiano das pessoas, de modo que compreendam o espaço que a leitura ocupa em suas vidas.
- d) Compreende as diferentes fases pelas quais um leitor se constrói e se torna íntimo da leitura, sem exigências, deixando fluir, sem estabelecer juízos. (IBS, 2023, tópico 1.1.10)



Como observamos, para ser um bom mediador é necessário ser leitor habilidoso e frequente e assim, conseqüentemente, ter uma bagagem de leituras que lhe sirva para orientar os alunos nas leituras deles. Aqueles professores que ainda não possuem essa predisposição e querem se tornar agentes mediadores precisam primeiramente colocar em prática a leitura.

Outro aspecto enfatizado no curso é para a escolha do livro literário que muitas vezes é imposto pelo professor, como “tem que ler, vale nota”. Isso não é uma atitude acertada quando o propósito é a formação do leitor. Nesse momento tem que entrar em cena o professor que seduz o aluno, ou um grupo, a ler o texto que considera relevante, lançando mão de estratégias, como: uma resposta a ser confirmada, uma curiosidade, uma manifestação de opinião, por exemplo. Conforme instruído também, a leitura que o professor mediador deseja que os alunos façam precisa considerar algo que os alunos têm que aprender e tenha uma explicação para aquela escolha.

Além de realizar essas leituras sugeridas pelo professor, o aluno precisa fazer suas próprias escolhas e, por isso, é importante o contato com gêneros variados, desde os textos mais simples até os mais complexos. Os temas devem interessar os leitores, devem levá-los a estabelecerem um sentido e os relacionarem com as suas vivências dentro e fora da escola. Merece atenção o fato de que é preciso oferecer livros de acordo com a faixa etária, pois há aqueles que fornecem mais informações possíveis de serem mais dialogadas entre o professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno.

Por fim, formar alunos leitores exige contato cotidiano deles com livros, é imprescindível deixá-los tocar, cheirar, folhear, comparar, começar uma leitura e interrompê-la ou trocá-la. Como muitos alunos podem não conseguir manusear os livros sem danificá-los, o mediador poderá dedicar um tempo para sugerir, mostrar formas adequadas porque é de interesse de todos que um conserve-se por muitos anos. Mas o objetivo principal é sempre formar leitor. Aliás, é prazeroso perceber em um livro que ele já foi bastante usado.

Em suma, ser mediador de leitura é um trabalho que exige compromisso, pois há muitas exigências a serem cumpridas, sobretudo, é uma missão de acolhimento, tanto das leituras produzidas pela sociedade quanto porque o mediador é um guia que conduz indivíduos ao conhecimento e os transforma por meio de experiências.

CONCLUSÕES



É possível afirmar que os conhecimentos adquiridos com essa formação de mediador em leitura levam à reflexão de como é valioso o nosso papel de professor em sala de aula. Por vezes queremos estimular a leitura e nem sempre nossas estratégias são as mais acertadas. Temos a intenção de tornar nossos alunos mais conhecedores de mundos imaginários ou reais, mas nossas práticas ainda são ingênuas. Deixamos que nossos alunos se construam sozinhos como leitores e acabamos exigindo demais deles, promovemos leituras como decodificação que por vezes são sentidos como exercícios entediantes.

Além disso, queremos transformá-los em leitores quando muitas vezes, sequer somos. Como defenderemos que a leitura abre portas para a imaginação ou para o conhecimento se não vivenciamos isso? Com quais argumentos iremos seduzir nossos alunos?

Já não basta montar o “Cantinho da Leitura” no início do ano letivo e deixar passar várias oportunidades durante semanas e meses e os livros serem coadjuvantes no canto da sala. Não se pode deixar os livros trancados nos armários, esquecidos, novos ou bem conservados, porém inutilizados. Nem tudo que fazemos deve ser desvalorizado, às vezes só falta enxergar outras possibilidades, experimentar coisas novas e escolher as práticas que mais se adequam à cada contexto. Não podemos ser os mesmos o tempo todo.

Não se esgotam aqui as discussões pertinentes à mediação do professor para a formação do leitor contidas no curso do qual participei. Foram algumas discussões que considero serem importantes e urgentes. Além de ter adquirido conhecimentos, espero e desejo colocá-los em prática.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a literatura**. São Paulo, 2004. Disponível em: << <https://ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores1.pdf>>>. Acesso em: 14 ago. 2023.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2020.

EAD IBS. **Introdução ao Incentivo à Leitura**. Disponível em: << <https://www.brasilsolidario.org.br/EAD/>>> Acesso em: 29, set. 2023.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.